

À BEIRA DO RIO: (DES)CAMINHOS PARA (RE)PENSAR A EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA-MARAJÓARA, PARÁ

By the river: (un)ways to (re)think the riverside geographical experience in the Amazon-Marajoara, Pará

Felipe Kevin Ramos da Silva¹

RESUMO

Que significa habitar à beira do rio? À beira do rio a vida ribeirinha se constitui. Um habitar que exige do olhar a sensibilidade de perceber a profunda relação entre ser ribeirinho/a com a paisagem circundante. É um projeto transcendental que não exige explicação, mas compreensão, paciência e silêncio para ouvir as vozes que ecoam do lugar. Existência cosmogônica onde o rio é mais que via de navegação. Metodologicamente, busca-se pelo diálogo entre pesquisa de campo, o uso da história oral e da descrição densa, tendo como base epistemológica a(s) fenomenologia(s) inspirada(s), sobretudo, em Heidegger e Merleau-Ponty. O rio é fonte de vida, modo de ser-no-mundo, de pensar-o-mundo. Nessa perspectiva, uma possível fenomenologia das águas desvela-se enquanto forma de sentir-o-mundo, corpo que é afetado por uma dinâmica própria do lugar, anunciando uma poética maneira de habitar, entre sonhos/conquistas, afetos/desafetos.

Palavras-chave: Geopoética ribeirinha. Habitar. Linguagem Poética. Paisagem.

ABSTRACT

What does it mean to live by the river? By the riverside, riverside life is constituted. A dwelling that requires the eyes to be sensitive to perceive the deep relationship between being a riverside person and the surrounding landscape. It is a transcendental project that does not require explanation, but understanding, patience and silence to listen to the voices that echo from the place. Cosmogonic existence where the river is more than a navigation route. Methodologically, a dialogue between field research, the use of oral history and dense description is sought. The river is a source of life, a way of being-in-the-world, of thinking-the-world. In this perspective, a possible phenomenology of the waters is revealed as a way of feeling-the-world, a body that is affected by a dynamic of the place, announcing a poetic way of living, between dreams/achievements, affections/disaffections.

Keywords: Riparian Geopoetics. Dwelling. Poetic Language. Landscape.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPa). Professor substituto do Departamento de Geografia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA). prof.felipekevingeo@gmail.com.

✉ Rua do Una, nº 156, Belém, PA. 66087-670.

INICIANDO O MERGULHO...

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que retornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó retornarás. Gênesis 3:19, Bíblia, 2008.

Terra, sopro da vida. Terra, geografia-mãe e verbo da existência. Um lançar-se para o mundo que exige, de cada um de nós e de maneira própria, a capacidade de construir, habitar e pensar sobre essa dimensão originária. Da terra ao pensamento humano, a experiência tem muito a dizer do que somos na constituição de sentido de vida. Neste diálogo, as experiências se interpenetram, a intersubjetiva transparece, constituindo o **sentido** que se presentifica por meio do corpo. Terra, gênese da criação e fertilidade é *Pachamama*. Dentre seus diversos sentidos e significados, **terra** tem a ver com finitude, para a qual, um dia, retornaremos.

Em meio a nossa finitude, uma das formas de nos fazer ser lembrados é por meio da escrita. Esta pesquisa, como forma de escrita aparece como recurso para o “lembrar” de que estive/estou aqui chamando para importância dos estudos geográficos à compreensão/descrição dos sentidos de vida **em** comunidades ribeirinhas no Marajó a partir de uma certa perspectiva fenomenológica. É algo que venho desenvolvendo há um certo tempo como “geopoética do habitar ribeirinho...” (SILVA, 2020).

Nessa conjuntura que, aliás, perpassa pelo campo (geo)político, destaca-se a preocupação com populações que habitam as margens dos rios amazônicos – ribeirinhos¹ – em especial na mesorregião do Marajó, no estado do Pará. O Marajó é a maior ilha flúvio-marinha

¹ São populações que habitam as margens dos rios; refere-se ao modo de existência, onde o dado experienciado pertence a quem, desde a infância, se faz ser ribeirinho, seu modo de ser-e-estar-no-mundo (SILVA, 2017).

do mundo. Seu nome significa “barreira do mar”, batizada pelos antigos indígenas da etnia Tupi que habitavam a região. Tal percepção geomorfológica pode ser concebida na medida em que o conjunto de terras, que formam a “ilha” do Marajó, funcionam como uma espécie de “barragem”, protegendo, em boa parte, o continente das tormentas do oceano Atlântico.

Iremos mergulhar no pulsante mundo ribeirinho, onde o rio comanda a ritmo da vida. A existência e o modo de ser e viver são mediados por este **signo** da terra. A terra comunicando-se com o homem e a mulher que habita a várzea, a margem do rio. A perspectiva metodológica e geográfica tem como base a fenomenologia, anunciada por Merleau-Ponty (1994, p. 1) como o “estudo das essências [...] uma filosofia que repõe as essências na existência [...] um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividioso’”. Para tal mergulho, a observação participativa e a descritividade, conforme Moreira (1989), foi fundamental. É por meio dessa capacidade sensível em campo que podemos compreender a realidade para além das aparências, trazendo ao debate a importância do “espaço corporal” como essência de uma perspectiva geográfica emergente das relações existenciais do ser humano com a terra.

O lugar onde se realizou a pesquisa chama-se “Joaquim Antônio”, uma comunidade ribeirinha pertencente ao município de Muaná, Marajó. A viagem à comunidade é intensa e requer o deslocamento da capital Belém à Muaná por meio de barcos, balsas, lanchas ou aviões de pequeno porte. Chegando ao município, é necessário atravessar o rio Pará e seus furos, passando pelo extenso rio Capitariquara, até chegar à referida comunidade. Hoje, com a implementação das lanchas, ao todo, a viagem tem duração média de três a quatro horas.

O artigo abre mão do caráter explicativo da ciência moderna, chamando o valor estético e poético do fazer-pensar geográfico,

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

como nos orientam Eidorfe Moreira (1989) e Eric Dardel (2015). A vista disso, além dos “diários de campo” – como nos orienta Geertz (2008) – a fotografia surge como procedimento metodológico de suma importância, pois além de ser um fundamental instrumento para a análise descritiva da paisagem é, também, uma forma de aproximação **entre** experiências memorísticas do lugar. Esse aspecto aponta para o qual a fotografia não é somente fonte da representação pura da paisagem, mas uma abertura para um novo horizonte de possibilidades interpretativas para além do “*clic*”.

O objetivo central é realizar uma descrição da cultura ribeirinha a partir da **experiência** enquanto **fenômeno** geográfico. É necessário, nesse sentido, caminhar para além das formalizações positivistas estreitas, convidando a imaginação para o entendimento no qual a geografia está em toda parte e diz respeito a todos/as que se interessam pelos sentidos de **mundo**, sentido(s) este(s) que Dardel (2015), chamou de “geograficidade”. Em meio às “geograficidades” amazônicas, destaca-se, no caso deste artigo, o habitar ribeirinho, desvelado por meio de sua experiência geográfica.

À DISTÂNCIA COMO APROXIMAÇÃO DO SER, NO MUNDO

À distância, conforme nos ensina Dardel (2015), não diz respeito à quantidade expressa numericamente entre dois ou mais pontos no espaço. Diz respeito à qualidade sentida pelo valor simbólico e cultural em termos de “perto” e “longe”. Uma necessidade surge nos estudos geográficos, onde os sentidos de vida e lugar, em termos de consciência-mundo e de intersubjetividade, possam se fazer presentes.

Nesse sentido, “chegando à ‘Joaquim Antônio’” é uma maneira qualitativa, ou melhor, subjetiva de expressar momentos de

transição que são importantes para a esfera de compreensão do ser geográfico que sou e do **Outro** no mundo, de outros espaços. Afinal, durante os dias que passei na comunidade, também senti saudades de casa, inevitável sentimento.

Nesse caminhar, a pequena cidade de Muaná torna-se um espaço de **transição** do mundo metropolitano de Belém, no qual originou meu modo de ser, em confluência com o mundo ribeirinho, àquele no qual me lancei à pesquisa e, por que não, a vivê-la também. A corporeidade como forma de sentir o mundo manifesta-se na latente percepção, revelando-se como uma espécie de “receptáculo de significações que participam da atribuição de sentidos a si mesmo e ao mundo no qual interage como agente” (SILVEIRA; BASSALO, 2012, p. 1050).

Muaná, uma pequena cidade marajoara, distancia-se de Belém em média 80 km em linha reta. Os modos de se chegar a Cidade variam, podendo ser realizado por via aérea, com aviões de pequeno porte, ou por barcos e/ou balsas (que é o mais comum) podendo zarpar de Belém – portos como Palmeraço, localizado na Cidade Velha, ou portos localizados na Estrada Nova (Figura 1). Há também possibilidades de viagens do município de Abaetetuba, que em média duram 2 horas. Em síntese, considero a cidade de Muaná como um lugar de transição entre o mundo na metrópole Belém e o mundo ribeirinho.

A viagem de Belém à Muaná já anuncia um mergulho, uma nova atmosfera que se apresenta ao modo que respiramos e percebemos um novo modo de ser, apresentando-se lentamente, como se fosse uma transição necessária ao espírito do geógrafo. Direcionando meu corpo para espaços outros. Ainda nos portos de Belém, meu corpo já sente um novo tempo chegando, ou melhor, uma

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva



Figura 1 – Porto localizado na Estrada Nova, Belém (Pará)

Fonte: F. K. R. da Silva, 2017.

temporalidade vem se apresentando. Nesses “Entre-lugares”² meu corpo exercita a existência que mergulha em espaços temporalmente diferentes daquilo que sou, e ao mesmo tempo sendo parte de mim. Um paradoxo da existência se apresenta...

Toda essa diferença temporo-espacial se apresenta como palco de exercitar minha existência enquanto ser-no-mundo, portanto, uma geografia unicamente minha nasce como semblante pulsante daquilo que percebo e recebo; a Terra como texto a ser decifrado,

² Trata-se, conforme Bhabha (1998), aos conjuntos de estratégias utilizadas por diversas comunidades humanas, historicamente subalternizadas, onde o objetivo central é o questionamento das fronteiras de legitimação do conhecimento impostas pelos processos de colonização. De tal maneira, os entre-lugares surgem como expressões vivas de r-existência em prol da vida digna.

doa a mim sua paisagem e junto a ela sua dinâmica física própria, o rio e sua maresia conduz meu corpo no balanceio da rede, na medida em que cada paisagem, como uma entrevista, ou melhor, entre-vistas, conversa como meu ser, com meu corpo. A movimentação de meu corpo como exercício espacial da existência, facticidade nesses entre-lugares. Um chamando da Terra (Figura 2).

Antes de chegar à comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, a passagem pela cidade de Muaná é essencial. Embora haja caminhos diretos às comunidades ribeirinhas, passar por Muaná é como se fosse um processo de “iniciação” ao mundo ribeirinho no qual faço questão de dizer; é como se eu estivesse com um pé em Belém e outro na comunidade, entre-lugares. Com base em Bhabha (1998), são justamente nesses “entre-lugares” que constituímos a elaboração de mundo.

Tal questão encontra-se quando os habitantes de Muaná e os ribeirinhos, na transitoriedade entre esses espaços e tempos diferentes, revelam o sentimento de “estranheza” que, por sua vez, situa-os como ser-no-mundo, ou melhor, ser-em-situação. Entre esses espaços há lugares que surgem como terreno possibilitador



Figura 2 – (A) Pessoas deitadas em suas redes à espera da chegada em Muaná. (B) Pessoas esperando ansiosamente seus amigos e familiares, já em Muaná

Fonte: F. K. R. da Silva, 2017.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

para estratégias da existência ou não. São nos “entre-lugares”, como espaços sensíveis e possíveis à existência, que a vida humana se anima numa eterna transformação desejante de ser-e-estar-no-mundo.

A origem de Muaná nos convida a viajar ao século XVIII. O município teve sua origem em uma fazenda que futuramente iria se transformar em povoado, até ser alterada à categoria de Freguesia, com o temporário nome de São Francisco de Paula. Durante o governo de Lauro Sodré – eleito em 23 de junho de 1891 – Muaná, pela Lei nº 324, 6 de julho de 1895, foi pleiteada como categoria de cidade (BARBOSA, 2012). Vale sempre lembrar – em termos históricos e geográficos – que Muaná é uma cidade de grande relevância social, que fortemente contribuiu para a compreensão das lutas de resistência contra a exploração da colônia portuguesa, sendo palco para o movimento de adesão à Independência do Brasil, a Cabanagem (FERREIRA, 2011).

Sempre quando se busca descrever o “início de tudo”, muitas vezes, banalizam-se as origens de fato que estão para além de decretos, leis, e acordos burocráticos, da história oficial. Segundo Ferreira (2011, p. 115) com base na história oral de alguns moradores, a cidade de Muaná possui descendências indígenas, no qual “os antigos moradores da ilha do Marajó deixaram vestígios que há algum tempo estão sendo observados por alguns curiosos pesquisadores [sobretudo, por arqueólogos e antropólogos]”. Os antigos Moãnas, que inclusive influenciaram no próprio nome da cidade – que significa “caminho de cobra” – migraram para outras regiões ou foram perseguidos pelos europeus (LIMA, 2014).

Muaná, de uma maneira geral, é uma cidade agradável, isto é, pelo fato de ser uma cidade pequena, os moradores do Centro à

Mocajatuba³ são praticamente vizinhos – em termos de contato realizado pela mobilidade urbana. Composta por uma única via principal, Muaná se realiza enquanto cidade ribeirinha, isso porque além de estar próxima as margens do rio Pará – rio que dá acesso à orla, a “beira” da cidade – suas atividades econômicas dependem profundamente da dinâmica deste **signo** da Terra, estabelecendo uma relação essencial da população local com o ambiente. Mas não somente em termos econômicos a cidade ribeirinha se caracteriza enquanto tal. O rio influência no próprio ritmo de vida urbano dos habitantes municipais, suas percepções e modos como compreendem suas relações com Belém e outros espaços distantes.

Muaná, ao mesmo tempo, nos apresente uma vocação turística que se dualiza entre o visível e invisível. No caso do “invisível”, esse fenômeno se dá, segundo alguns habitantes, pelo fato do poder público. Por outro lado, existe na cidade uma manifestação cultural de grande importância e prestígio entre os moradores e aquém se dispõe a conhecer: o Festival do Camarão, que em média atrai todos os anos mais de 30 mil turistas, realizada, atualmente, na Praça do Camarão.

Com uma tradição de mais de 30 anos, o Festival do Camarão ou “FestCam” é realizado sempre ao final do mês de maio e início de junho, com potencialidade de atrair uma grande quantidade de turistas; um evento com densas expressões da cultura marajoara. Particularmente, já tive a oportunidade de conhecer o Festival do Camarão, em 2015, quando escrevia um artigo na graduação sobre a dinâmica urbana de Muaná.

Confesso que, logo de início, não esperava uma grande estrutura como em alguns festivais realizados em Belém – que tolce a minha.

³ Porto da cidade localizado as margens do rio Mocajatuba, permitindo acesso alternativo as comunidades ribeirinhas e escoamento de mercadorias.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

Enfim, para minha surpresa, o Festival se apresentou de forma como eu nunca havia presenciado antes. Com direito a fogos de artifício como se estivéssemos na passagem do Ano Novo. Vale ressaltar, que o Festival do Camarão possui uma expressão tão grande que sua gravidade transforma o entorno da cidade – do centro às margens, e como num refluxo, essas margens se voltam ao centro para realização festiva. A cidade se transforma!

Todavia, não só de coisas boas vive uma cidade. Seria encantador falarmos apenas das “coisas boas” de Muaná. Eu não teria nenhum problema com isso. Muaná apresenta uma rica cultura e formação de espírito marajoara, as lutas de resistência e existência realizadas com a Cabanagem aos dias atuais de homens e mulheres. Por outro lado, é necessário perceber que, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE (2012), Muaná apresenta um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) em termos de educação, ficando à frente apenas dos municípios como Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Chaves, Curralinho, Gurupá e Melgaço (PNUD, 2000).

Não somente na Educação Muaná como um todo deixa a desejar, mas nas estruturas sociais ofertadas pelo poder público em termos de saneamento básico, redes de esgotos, pavimentação das ruas, sobretudo a principal via que corta toda a Cidade, e sem deixar de falar do grande lixão a céu aberto adentrando a pequena cidade, o que pode acarretar sérios problemas ambientais. Todas essas adversidades intensificam-se com a chegada da chuva – não dizendo que nos períodos do verão amazônico não haja problemas, pois com o calor do sol nas estradas e algumas ruas (também, em sua maioria de terra batida) exalam poeiras, debilitando a saúde de alguns habitantes, principalmente aqueles que sofrem com problemas respiratórios. Em julho, por exemplo, quando o calor é intenso, os olhos pedem ajuda médica, por conta da poeira.

Há muitas coisas para se falar de Muaná que talvez se adequem melhor em um outro momento. Portanto, ressalvo aqui, meu processo de “iniciação” ao mundo vivido ribeirinho. Neste momento, estamos chegando na comunidade “Joaquim Antônio”; as pessoas estão nos esperando... a comunidade já identifica a chegada de alguém de “fora”. Vale ressaltar a incrível habilidade auditiva das pessoas, sobretudo das crianças da comunidade quando a pequena embarcação está próxima à suas casas, ainda mais, quando é algum familiar. Eles/as dizem, por exemplo: “Olha, o papai já tá chegando”. Isso é encantador.

APROXIMANDO-SE DE UM MUNDO

Chegamos à comunidade, e com fortes abraços e largos sorrisos tímidos (de ambas as partes) sou recebido como se fosse um parente. Logo em seguida, sou convidado a tomar um café e a jantar – “caso esteja com fome” – e a contar algumas novidades sobre a cidade de Belém. Como geralmente chego ao anoitecer, as conversas não se estendem muito, afinal, em “Joaquim Antônio” se dorme cedo para não acordar tarde. “Arto” minha rede. Noite, enquanto sono profundo, se apresenta. Estou cansado da viagem. A noite de “Joaquim Antônio”, então, me dá boas vindas, me abraça com um sorriso que só irá brilhar no cantar do galo ao amanhecer, com o frio à beira rio.

Amanheceu e nada de ficar na rede. Fui ao “campo”, ou melhor, ao rio, com intuito de iniciar a pesquisa. Calma, lá! – disse a paisagem... As conversas iniciam-se calmamente, observando e participando de algumas atividades cotidianas com moradores que praticamente fundaram a comunidade. Segundo esses habitantes, há mais ou menos 35 anos a comunidade “Joaquim Antônio” nascia.

Assim como muitas comunidades ribeirinhas na Amazônia, porém com suas particularidades, os primeiros indícios da comunidade “Joaquim Antônio” surgiram de um pequeno grupo religioso que

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

inspiravam encontros em uma singela capela, na qual reuniam devotos de vários lugares. Segundo Dona Timar, uma das primeiras moradoras da comunidade, hoje com 65 anos de idade, nos descreve que, dessa pequena capela, ainda bem simples, aconteciam os encontros, as reuniões, e os primeiros sinais da gestação de uma comunidade ribeirinha que hoje conta com, em média, quarenta famílias:

Foi através da celebração dos cultos, com aquela equipezinha, aí foi crescendo. Foram colocando novena, a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na quinta-feira Santa Rita de Cássia, aí foi se chegando. Aí quando o Padre vinha dava bastante gente. Agora [num “pulo” temporal] organizamos o círio, as pessoas cooperam muito com a gente, das outras comunidades, daqui mesmo do setor, um traz o pato... e na hora do leilão todo mundo arremata, quer dizer, uma participação boa porque a gente tem ajuda do povo, né? (Dona Timar, Comunidade Joaquim Antônio - PA, 2016).

Podemos perceber que a partir da pequena capela a comunidade foi se constituindo seus sistemas ambientais e estruturas-culturais, estabelecendo a consciência do vivido em projeção, em ação do por vir. Não devemos considerar apenas a pequena capela em si, mas as relações que se mantinham e se mantem neste espaço que ganha proporção corpórea, “espaço corporal”, como diria Merleau-Ponty (1994), agregando a história, mas também geografias diversas em termos de experiências. Uma performance de convergência experiencial chama à atenção para o presente como polarização dos acontecimentos passados e as ações projetivas do futuro.

O Seo Raimundo, esposo de Dona Timar, reforça esse pensamento ao relacionar o tempo passado com o tempo presente⁴ num

⁴ Essa denominação “tempo passado” e “tempo presente” surge somente para termos didáticos, ao modo que, segundo Merleau-Ponty (1994), passado e fu-

projeto de constante transformação de ser, narrando os principais envolvidos para o “nascimento” da comunidade e o seu papel nos dias atuais. A performance comunicativa que faz o Seo Raimundo expressar que “a maior alegria da comunidade é se reunir para celebração da Palavra [aos domingos]”, faz-me crer que a fé da comunidade não está exclusivamente concebida como *religare* metafísico, mas, como *religare* geográfico, isto é, como aquilo que sustenta as relações, atitudes e valores **em** comunidade e com o próprio sentido de comunidade, o sentido de lugar.

O lugar concebido originalmente como realização da existência humana chama a **memória** como essência do habitar, conduzida pelas “relações intersubjetivas” (MERLEAU-PONTY, 1994) no espaço, comunicabilidade sensório-motor com a paisagem e esta, por sua vez, enquanto consciência primeira de uma geografia “na qual passado e futuro são presentes pela memória ou pela expectativa” (MARTINS COSTA; MEDEIROS, 2009, p. 377). As conversas realizadas com a Dona Timar e o Seo Raimundo transparecem uma relação de origem comunitária onde a religiosidade, a fé, é o motor de uma realização tradicional-em-transformação, marcada pela ligação sensível com o passado (memória) sempre presente na projeção (futuro) e no sentido de lugar.

Existe, de fato, uma troca recíproca entre o ribeirinho e o dinamismo da paisagem circundante que o fortifica a comunidade enquanto lugar, algo que Furtado (1993) define como “sociabilidade”. Esta sociabilidade, traduzida por Pereira (2014) como “territorialidade”, é uma possibilidade para que compreendamos a cultura ribeirinha em

turo não existem, o que de fato existe é o aqui e o agora, ou seja, o presente. O que apenas temos, ainda segundo o filósofo, é uma “noção” de acontecimentos anteriores e o espaço de sua realização e, inclusive, sua importância para construção daquilo que somos como projeto em ação.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

sua “geograficidade”, isto é, a estrutura comportamental e afetiva enquanto ser-em-comunidade e ao mesmo tempo ser-com-os-outros-em-comunidade como dimensões da cultura ribeirinha.

O ser-em-comunidade (ser-no-mundo) e o ser-com-os-outros-em-comunidade dizem respeito ao *Dasein* de cada indivíduo (ente) em um sentido coletivo. O primeiro diz respeito ao ser ribeirinho em sua autenticidade em comunidade, o que rege e comanda sua existência e destino (ser ativo); o segundo ao ser ribeirinho inautêntico (ser condicionado ao ritmo da natureza), isto é, como existência objetificadora, mergulhado no público que o classifica pela paisagem circundante.

Paradoxalmente, ambas as dimensões coexistem em termos de projeto, geograficidade e historicidade única, compartilhada espacialmente na finitude do ser ribeirinho que conhece sua história e formação de ser, ambas potencializadas no âmbito das possibilidades do *Dasein*, isto é, de sua **abertura** enquanto ser-em-comunidade e ser-com-os-outros-em-comunidade.

Uma linguagem única nasce em meio a esta performance ribeirinha junto à dinâmica da paisagem, do rio, da floresta, da várzea... A linguagem, portanto, surge como recurso que une o ribeirinho em-comunidade, verbalizando a existência que ora é autêntica e ora é inautêntica, isso porque, como afirma Benedito Nunes, “O *Dasein* [...] está sempre se movimentando numa ou noutra direção” (NUNES, 2000, p. 105), porém, nunca indissociáveis entre si. Estão interpenetrados enquanto linguagem à beira rio.

Essa atmosfera de pensamento exige que relacionemos a dinâmica da paisagem às questões psicológicas, religiosas, morais e estéticas da comunidade, apreendida, portanto, como **abertura fenomenal** do ser ribeirinho. Interpretar a paisagem como **abertura** ou **projeto** implica em trazeremos a discursão o/a ribeirinho/a enquanto **ser-com** de suas

condições ontológica, realizada na latência do mundo percebido, em ato.

A paisagem infere no conjunto dessas condições ontológicas do/a ribeirinho/a, possibilitando ao agir, conhecer as estruturas constitutivas de sua existência e, por sua vez, sua compreensão de ser-em-comunidade. Portanto, a paisagem desvela-se como uma espécie de *Stimmung*, no entanto nunca adjetivada em **isto** ou **aquilo**. O/A ribeirinho/a, agora, enquanto ser-em-paisagem ilumina-se por sua existência e, dessa maneira, mergulhado em sua própria possibilidade de ser-mais-próprio-no-mundo, é lançado ao seu **projeto**, é o próprio **projeto** se realizando.

Segundo alguns moradores, **estar** em comunidade é pertencer a um mundo: o ser-e-estar-em-comunidade já anuncia o sentimento de pertencimento. O **pertencer** é o sentimento/confiança de demorar-se num lugar, entre Deuses/mortais, terra/céu. Entretanto, não se trata apenas no “demorar-se” que o lugar se realiza, isso porque é necessário manter relações **junto às coisas** nessa habitação, como bem nos ensina Dona Timar, ao relatar sobre sua história de vida na comunidade. No silêncio direcionado a ouvidos seletos, o rio, assim como a floresta e o sol, surge como potência da natureza como **ela** é, chamando o/a ribeirinho/a em seu desvelamento numa comunicabilidade recíproca, quase que surreal.

A paisagem agrega todos esses signos – rio e floresta – que a Terra oferece. Estes signos ganham sentido e um significado profundo com a presença do/a ribeirinho/a, permitindo um dia a dia a se fazer de forma que a experiência, desde a infância, ao brincar no rio, surge como ícone. Entende-se, nesse sentido, que “a paisagem é a natureza penetrada pelo olhar” (LOUREIRO, 2016, p. 129). O rio como elemento da paisagem, envolvido pelo olhar, convida o corpo para a conquista do cotidiano. A paisagem surge como drama e salvação e “[...] não

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...
Felipe Kevin Ramos da Silva

existe por si, mas é parte do ambiente, é passado e presente, carregando as perspectivas do futuro, é organização espacial e beleza. Entretanto, não é nada disso, isoladamente” (FIGUEIREDO FILHO, 2015, p.18).

Segundo Heidegger (1954, p. 10), é “somente sendo capazes de habitar é que podemos construir”. É nessa capacidade do habitar-construir que a comunidade torna-se o que é, organizando seu espaço geográfico de maneira única, transformando-na medida de suas necessidades, sejam elas materiais/imateriais, metafísicas/físicas, religiosas/profanas, etc. Há sempre um mergulho ou a necessidade desse ato para se compreender a densidade inquebrável que transcende as dicotomias e as meras representações da realidade geográfica.

Há necessidade de uma geografia que tangencie a explicação e percorra pela leveza da descritividade, tal como nos ensina Eidorfe Moreira. A descritividade geográfica ribeirinha nos lança à compreensão no qual a temporalidade é diferente da frieza do relógio e sua mecanização. Tem a ver com o modo de ser, no mundo. Na olaria, as casas, os barracos, as pontes, as sedes onde se realizam as festas, são todas essas manifestações de uma geografia descritiva em ato que nasce como experiência, ressaltando que o mundo está aí antes mesmo de qualquer explicação ou análise (Figura 3).

A criança incorpora os saberes necessários para sua existência e enquanto ser-em-comunidade. É na percepção desde muito cedo que a criança experimenta o sabor de pertencer ao mundo ribeirinho, e nesse mundo sua escrita na Terra se inicia, a geopoética. Uma escrita única, própria do lugar. Sinuosidade da existência. Assim nos desvela a criança em sua linguagem poética. Densidade sem fim: a paisagem como devaneio do corpo. O lugar, como essência de uma habitação espacial com o se fazer presente, traz o ribeirinho, seu ser-aí, para o centro da discussão geográfica. Testemunha de sua poética ontológica-existencial, a criança desvela sua condição de ser-em-comunidade nos primeiros passos junto aos mais experientes.



Figura 3 – Crianças brincando no rio
Fonte: F. K. R. da Silva, 2021.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

Nesse momento, nos deparamos com algo fundamental, que sob inspiração da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, chamaremos de **engajamento corporal**. Esse engajamento do corpo é a linguagem poética que está intimamente vinculada ao espaço-tempo vivido como manifestação da consciência (memória), que surge desde os primeiros passos habilidosos, em conexão com o ambiente, ao modo que “a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências” (TUAN, 2013, p. 32).

Por isso a importância da experiência geográfica, conhecimentos que surgem como um “conjunto de experiências, práticas e saberes” (CLAVAL, 2011, p. 80), pois é na experiência geográfica que reside a lucidez de viver. É nessa conjuntura que a paisagem como modo de existência se manifesta como habitação poética e percepção estética da/na vida ribeirinha. Não se busca romantizar o modo de vida das pessoas que habitam as margens rio “Joaquim Antônio”, mas trazer à luz suas reais situações de vida referentes à percepção ambiental, pois é “através da percepção que adquirimos o conhecimento sobre o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1994).

Segundo Silva e Pires (2015), o tratamento da água é basicamente realizado por um simples processo: a água é retirada do rio onde será armazenada em uma caixa d'água; há a separação dos “resíduos pesados” por meio da utilização de substâncias químicas, principalmente com o uso do hipoclorito de sódio (NaClO) e do cloro (Cl). Muitos problemas de saúde são detectados como efeito do péssimo tratamento da água: doenças crônicas intestinais, problemas na pele, como manchas, doenças causadas por parasitas, etc. Tudo isso nos leva a crer a falta de uma estrutura sanitária e, de postos de saúde que facilitem o tratamento, a falta de um agente de saúde na comunidade, são fatores determinantes para o bem viver dessa população.

Podemos perceber o descaso do poder público de Muaná para com a população ribeirinha na seguinte descrição:

Ai na comunidade, como diz a história, é Deus que olha por nós, porque a gente tá lutando, por que se depender da prefeitura, não tem ajuda de nada. Basta dizer que aqui no rio não tem um agente de saúde! Não temos agente de saúde aqui no nosso rio, há muito tempo, há muito tempo mesmo! Tem lugares que ainda tem, mas aqui não. Faz tempo que não tem agente de saúde; tinha uma menina, mas tiraram ela, não sei porque. Um agente de saúde é muito bom, né? Porque de repente uma doença, um caso, ela pode tomar uma providência. E tem o barco da prefeitura que às vezes tem semana que não vão levar os meninos para escola por falta de óleo, que ele não paga o óleo, né? Aí não é liberado e as crianças que padecem, né?. Aí ajuda prefeitura a gente não. Não adianta você que tem porque não tem! A gente tá lutando aí, fazendo bingo [...] (Dona Timar, Comunidade Joaquim Antônio - PA, 2017).

Dona Timar, umas das fundadoras da comunidade “Joaquim Antônio”, revela um pouco de suas angústias com relação às ações do poder público de Muaná mediante ao descaso com a saúde pública. Dona Timar percebe, sente e exterioriza aquilo que a paisagem lhe apresenta como verdade, uma verdade que nem sempre é boa, mas fonte sensível que resguarda o discurso da verdade. Segundo a Dona Timar, a comunidade necessita de um agente de saúde, para servir como “ponte” entre as carências da comunidade e o poder público municipal.

Sem esse mecanismo de diálogo, Dona Timar, assim como boa parte dos habitantes da comunidade “Joaquim Antônio”, direcionam as soluções à “vontade de Deus”, sempre com foco na qual a emancipação social é necessária. Não se trata da luta armada, mas a luta entendida enquanto compromisso para o bem viver da comunidade a partir daquilo que garantido por Lei: Do direito a saúde

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

de qualidade e de bem comum para todos, como resguarda nossa Constituição Federal, de 1988. É necessário criar estratégias críticas e criativas para efetivar os diálogos e, portanto, amenizar as reais carências da comunidade.

Nesse mesmo relato, sentados estávamos em frente à sua casa. O rio e a floresta pareciam que conversam com a gente, apenas ouvia o silêncio da natureza. Seus tradutores eram a Dona Timar e seu Esposo que acompanhava nossa conversa atentamente. Era como se a paisagem legitimasse Dona Timar a falar sobre as angústias que afetam o rio e a floresta. Uma possível interpretação é que a paisagem tem o poder de atravessar o espírito de quem a habita o lugar, anunciando por meio do corpo desses sujeitos um sentido existência, onde a própria percepção política reside. Uma linguagem própria, portanto, poética exigindo o entendimento no qual os recursos naturais transcendem a lógica de mercado.

Sei bem disso quando adquiri – em uma das viagens à comunidade – infecção intestinal ao ponto de não me aguentar em pé. Fui afetado diretamente pelo campo. Nem o posto de saúde mais próximo da comunidade, nem mesmo o hospital da cidade de Muaná me ofereçam recursos para minha recuperação. Com as atividades interrompidas em campo, tive que retornar à Belém, onde obtive a recuperação total. Mas, quem não possui recursos para isso? Será que todas as pessoas da comunidade ribeirinha dispõem de tempo e dinheiro para viajar dessa maneira?

Essas reflexões só são possíveis na vivência, na experiência junto à comunidade, entre momentos felizes e outros não muito agradáveis, chamando atenção para precarização das ações públicas para o campo que vão da saúde à educação. Nesse sentido, podemos compreender a relação que há entre a paisagem ribeirinha em sua esteticidade e a percepção política de alguns moradores da comunidade. Quando o

rio, e este por sua vez parte da paisagem, apresenta algum aspecto de poluição: lixos, animais em decomposição, etc, a comunidade rapidamente se alerta a esta questão e tenta resolver como pequenos chamados. Mas isso, evidentemente, não é suficiente. É necessário um maior interesse do poder público municipal em querer ajudar.

O CORPO EM INTERSUBJETIVIDADE CULTURAL

“Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança. – E porque sei não há de falar como as crianças?
Nietzsche (1998.)

Corpo, expressão do que é, manifesta-se conforme a paisagem circundante o exige de ser. Porém, não de forma determinante, mas comunicacional. Existe um diálogo onde o corpo, encarnado geograficamente no mundo sob a clareira da experiência, revela a percepção vivida da geograficidade humana e, neste caso, a geograficidade ribeirinha, cabocla marajoara. Segundo Merleau-Ponty (1994, p. 149), o espaço só existe na medida em que temos um corpo, levando em conta “o corpo em movimento”, pois “vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo)”. O corpo toma posse do espaço e do tempo, produz sua geografia própria, em meio às alegrias e tristezas. O espaço como epiderme do corpo, se arrepiam com a realização fundamental do ser, a geograficidade (Figura 4).

O que a criança, ao brincar, no rio, tem a nos dizer? Segundo Silva (2020), existe uma formação educacional que está em profunda comunicação com a paisagem circundante, revela uma pedagogia geográfica onde o corpo é mediador. À beira do rio, lugar aonde os devaneios vêm ao encontro do ser, onde o direito de sonhar

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva



Figura 4 – Criança brincando no rio, próximo a sua casa
Fonte: F. K. R. da Silva, 2019.

é permitido, linguagem própria, única, se desvela: a linguagem poética. Permitido a o direito de sonhar, o ribeirinho maneja sua forma de ser-no-mundo em uma conjuntura estética (a paisagem) que atravessa a corpo, aquilo que o cerca, anunciando uma performance espacial e temporal que diz respeito à sua existência (*existence*):

A criança encontra seu mundo na mesma sinuosidade que rio flui, adaptando-se ao devir do tempo como estatuto de sua geograficidade: a paisagem/O menino e o rio, o rio e o menino se confundem num projeto transcendental que não exige explicação, mas, talvez, uma interpretação desse mundo como ele vem ao encontro de seu próprio ser/A paisagem, portanto, um encontro poético, magistral entre a Terra e o Céu/o corpo que se manifesta e dança no espaço como habitação e esclarecimento da linguagem existencial enquanto realidade geográfica; uma convergência entre espaços telúricos. Entre Deuses e mortais/Paisagem, linguagem sempre em transformação na qual a criança, pai de seu homem e mãe de sua mulher, toma consciência de sua existência e do fato de que poeticamente habita a Terra (SILVA, 2020, p. 8).

O mergulho no rio diz respeito não somente ao corpo que se molha, mas ao “molhado” da água enquanto espaço aquático que dialoga com a quentura do corpo; corpo que é porta-voz anunciante do mundo ribeirinho para a criança, em sua performance estética e poética reveladora de seu ser geográfico e sentido de mundo. Existe uma comunicação “profunda” entre o rio e o menino. Comunicação essa que reconhecemos por linguagem poética, trazendo a necessidade de um tratamento e reconhecimento poético da/na realidade geográfica ribeirinha que, em sua essência resguardada, espera para acontecer sensível e carnalmente no mundo: a geopoética.

A linguagem poética anuncia possibilidades à compreensão perceptível do habitar ribeirinho em suas dimensões ontológicas e culturais, isto é, a linguagem poética, com base em Hölderlin (1994), surge como um recurso que nos permite ir ao encontro do ser, na estruturação poética do mundo vivido; a essência de uma geografia que nasce como semblante das alegrias e angústias ofertadas pela ousadia do existir **junto-ao** rio. O ser-com, que transparece no ato de brincar no rio, é uma experiência pedagógica onde a criança toma consciência de que está envolvido com o rio.

Ao mesmo tempo em que a criança ribeirinha mergulha no rio, o rio mergulha em seu ser. Dessa maneira, estamos caminhando para um horizonte ainda muito tímido na geografia, sobretudo quando se trata de populações tradicionais. Estamos nos dirigindo para o mundo fenomenológico ribeirinho, lançando-nos aos desafios de “reaprender a ver o mundo”, como diria Merleau-Ponty (1994, p. 19). Essa postura fenomenológica nos permite compreender, por exemplo, a experiência não como algo a parte, mas, pertencente ao ato do acontecer, **elo** verbal fundamental entre o ribeirinho e sua fundamentação geográfica no mundo, as decisões e histórias de vida que emanam dessas experiências, desde a infância (Figura 5).

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva



Figura 5 – Criança brincando com o “casco” (embarcação de pequeno porte semelhante a um bote), próximo a sua casa

Fonte: F. K. R. da Silva, 2019.

Lá vem ele, o menino em seu pequeno barco (chamado comumente de casco). A alegria vem ao seu encontro durante a tarde, pois brinca com o rio, no rio, naturalmente como se estivesse nascido no berço aquático. E por assim dizer, o ribeirinho não nasce ribeirinho. Ele se faz ser todos os dias, em suas ocupações junto a outros, desde muito jovem. O próprio corpo ganha contorno ao se equilibrar na pequena embarcação. A habilidade espacial do equilíbrio faz do corpo parte do rio, parte do barco. É o “espetáculo do corpo”, como diria Loureiro (2015).

O ato de equilibrar o corpo para que o casco não vire demonstra uma comunicação com o rio. É como se o rio dissesse: “muito bem, você está aprendendo. Torna-te parte de mim e eu de ti!”. O rio como elemento da paisagem demonstra que “a paisagem não é, em sua

essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem [e da mulher] no mundo” (DARDEL, 2015, p. 32). É a partir dessa experiência comunicacional desde a infância, que o/a ribeirinho/a dá sentido a seu entorno e, dentro de seu horizonte de possibilidades, consagra-se na unidade do/no mundo, ser-rio (Figura 6).

A experiência geográfica da criança revela sua presença na paisagem de forma fundamental, isto é, a experiência como forma do corpo de se comunicar com a paisagem revela as **bases** essenciais para o sentido de mundo. O conhecimento ecoa das atitudes e valores de seu avô, homem experiente das várzeas que, assim como a jovem criança, também aprendeu a pescar acompanhando seu pai. “O conhecimento natural começa na experiência e permanece na experiência”, já dizia Husserl (2006, p. 33). Isso significa dizer que o sentido direcionado à paisagem, dentre a comunicabilidade corpórea, revela a “base de seu ser social”, como diria Dardel (2015). O rio como **base** convida o Ser à consciência na qual pertence a uma dada realidade geográfica, onde o rio comanda o ritmo da vida. Daí ribeirinho (Figura 7).

O rio representa o drama da existência. A dramaticidade do rio que, melancolicamente mistura-se com a floresta, confundem-se, expressa a paisagem ribeirinha em sua estética e poética como atos do **sentir**, expressão fiel da existência. A paisagem, por colocar em questão “totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra”, segundo Dardel (2015, p. 31), desvela o/a ribeirinho/a em sua relação geográfica com o mundo a partir da percepção e organização de seu espaço e tempo. O sentido de **ser ribeirinho** habita o fato de que o rio e a floresta, elementos da paisagem, constituem uma linguagem própria e lúcida de uma relação que atravessa o sangue e a carne. É através da paisagem que o/a ribeirinho/a toma consciência do fato de que habita entre o rio e a floresta (Figura 8).

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...
Felipe Kevin Ramos da Silva



Figura 6 – Crianças navegando pelo rio "Joaquim Antônio"
Fonte: F. K. R. da Silva, 2021.



Figura 7 – criança ajudando seu avô na pesca
Fonte: F. K. R. da Silva, 2019.



Figura 8 – Criança em seu pequeno barco
Fonte: F. K. R. da Silva, 2021.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

A comunicação do corpo com a paisagem já convida a experiência dos mais experientes. Em outras palavras, a geograficidade ribeirinha é a própria comunicação com a paisagem que já possui como ícone referencial a experiência daquele na ponta do barco, que reconhece os perigos do rio e da floresta pela leve ondulação do rio, pelo cheiro e direção do vento. Ele possui os segredos da natureza, da paisagem. Ele é paisagem. Em consonância com a experiência do equilíbrio do corpo ao pescar, Merleau-Ponty (1994) orienta que a percepção – guia das ações – não nos direciona cegamente ao futuro, mas é, sobretudo, uma pausa no tempo onde a história de vida aparece, direcionamento para as fontes do conhecimento:

O papai ia pro mato, eu ia com ele, desde criança. Com isso, ele criava nove irmãos, dez irmãos! [se corrigindo]. **De idade de doze anos comecei andar no mato, doze anos. Trabalhava com roça, açai. Passei três meses em Macapá [isso com 18 anos de idade] para sobreviver né.** Vim mim embora de lá. Papai não queria. No tempo em que eu me criei era diferente, o serviço era a madeira e a seringa. Cortava no mato, nessas áreas aqui; cortava pra vender. Hoje não tá diferente, tá melhor pra viver, sai de manhã volta onze horas. Agora o que estraga é carestia que a gente paga pela mercadoria. Tu sabe, tu que vive na cidade, que o que faz subir o preço é o petróleo, por que a gente consome no óleo... Quer dizer, que não é mais como naquele tempo, tempo do cara criar [porcos e outros animais] só mesmo para se manter. Olha quem viu, criava galinha e pato pra vender em Belém, agora quem leva? Ninguém! Nem tempo de círio o cara leva, por que já vem tudo de lá. Naquele tempo eu vendia com papai lá no Porto da Palha. Lá era um porto, tô cansado de dizer. **Eu conheci aquilo, com uns quinze anos de idade** (Seu Ivan, Comunidade Joaquim Antônio - PA, 2016, destaques acrescentados).

O pai de Seo Ivan, Benedito Ferreira, é sua fonte de conhecimento. É ele quem o apresenta à paisagem, a natureza, ao mundo. A profunda e sensível descrição memorística do Seo Ivan nos orienta a pensar no

respeito e na responsabilidade com o outro, de que a vida ribeirinha não é fácil e exige, desde a infância, sacrifícios. Por conta do trabalho desde 12 anos de idade, para ajudar na renda familiar, Seo Ivan não pode concluir seus estudos. Uma realidade que, infelizmente, ainda se faz presente, por várias razões, desde a necessidade para complementação da renda familiar à falta de assistência do poder público de Muaná em diversos setores, como no transporte público, campanhas que incentivem a valorização dos estudos, escolas que incorporem a realidade ribeirinha.

A descrição densa do Seo Ivan nos leva a outro tempo e espaço, únicos, nos orientando ao entendimento de que a paisagem não se apresenta essencialmente pelo puro ato de olhar: **“Olha quem viu, criava galinha e pato pra vender em Belém, agora quem leva? Ninguém!”** (Seu Ivan, Comunidade Joaquim Antônio - PA, 2016, destaques acrescentados). Quem viu e verá o que o Seo Ivan presenciou naquela paisagem? Como ele mesmo disse: **“Ninguém!”**. O passado se presentifica como forma de ser do Seo Ivan, ribeirinho, trabalhador das/nas águas e florestas. **“Naquele tempo eu vendia com papai lá no Porto da Palha”**, disse ele. **Naquele tempo...** O tempo emerge uma geografia como vontade viver e lucidez (a geograficidade) que torna o Seo Ivan aquilo que ele é e o que o mundo é, a partir de sua história de vida.

Em outras palavras, a geograficidade do Seo Ivan nos faz compreender que **“o essencial é invisível aos olhos”**, como diria Saint-Exupéry (2015). A paisagem enquanto **naquele tempo...** é sentida por àquele/a que manifesta seu ser com os outros, relevando a estes a introspecção da presença, permitindo a realização da existência de forma intersubjetiva e, portanto, profunda. Seo Ivan, desde muito cedo, sentiu em seu corpo a rigidez do trabalho árduo do mundo ribeirinho, com seu pai. Sua família necessitava, e na adolescência

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

já fazia travessia para a capital Belém, sobretudo na época do Círio de Nazaré, maior festa religiosa na América Latina.

Em 2018, Seo Benedito Ferreira, faleceu. Mas ele ainda vive enquanto ser que um dia habitou a paisagem ribeirinha de “Joaquim Antônio” e, sobretudo, habita na memória de seu filho, Ivan. E se a paisagem tem o poder de “afetar a carne e o sangue”, como diria Dardel (2015). Seo Benedito Ferreira ainda vive em “Joaquim Antônio”. A memória do Seo Ivan, hoje com 61 anos de idade, contribui significativamente para este entendimento, onde a paisagem é a própria inserção do ser, no mundo. A memória, como forma de conhecimento, fortalece os laços da geograficidade do Seo Ivan e a dos jovens que se dispõem a aprender. Nunca esquecendo àquilo que aos 12 anos o Seo Ivan aprendeu com pai, de forma digna e respeitosa. Um encontro corpóreo, experienciado poética e espacialmente, portanto, geopoético, evidenciando o ribeirinho em sua relação ontológica com a paisagem como ícone referencial de sua existência e finitude.

Daí o corpo em intersubjetividade cultural, pois se trata de compreender como as experiências dos mais antigos perpassam pelas experiências presentes dos mais jovens, como se fosse uma aquarela, se misturam poeticamente na paisagem. A paisagem, por assim dizer, teria o poder de unir/conectar as temporalidades e espacialidades, entre os mais antigos e jovens? Creio que sim. Desta maneira, entende-se a construção do sentido de mundo a partir das experiências, da memória, que são sempre compartilhadas e importantes para a manutenção da vida ribeirinha em comunidade: o respeito e o sentido próprio da responsabilidade que nasce desde a infância, na iniciação para mundo.

Dentro dessa perspectiva, a vida ribeirinha nos ensina transcender a geografia especulativa, aproximando-se daquilo que Merleau-Ponty (1994) chamou de “mundo vivido”. Nesse mergulho, a

fenomenologia, segundo Merleau-Ponty (1994, p. 18), já nos orienta para tal entendimento, ao modo que “[...] ele [o mundo] não deve ser posto à parte, transformado em Espírito absoluto ou em mundo no sentido realista”. O mundo ribeirinho configura-se na medida do compartilhamento experiencial que, por sua, exige do corpo um compromisso de fidelidade com o lugar. A experiência corpórea ribeirinha, que é geográfica, emerge, inclusive, como fundamento pedagógico (SILVA, 2020).

Um das experiências é a pesca, onde a criança, curiosa e sempre disposta a aprender, acompanha os mais velhos. O que vale aqui é entender que existe um valor educacional para além do estético como forma pura do olhar, mas este valor como dimensão do **sentir** a paisagem, a natureza circundante comunicando-se com o/a ribeirinho/a no cotidiano, permitindo a consciência da temporalidade do lugar, como o ritmo do rio, o sopro do vento e o barulho silencioso da floresta como parte de seu Ser. A própria capacidade intersubjetiva do corpo encontra, em meio a essa consciência temporal, outra dimensão, a espacialidade da finitude.

Outra maneira de interpretar a vontade da criança de acompanhar os mais velhos nas atividades e estes permitirem o acesso daquelas, surge pela consciência de querer repassar aos mais jovens tudo aquilo que se aprendeu ao longo de muitos anos de vida. É uma maneira de se fazer presente, eterno. A consciência da finitude espacial demonstra isso na medida em que o corpo ribeirinho vai ficando mais velho e cansado, insuficiente em algumas atividades, como carregar toneladas de barro⁵. O que isso quer dizer? Quer dizer que na medida

⁵ “Ir para o barro” é uma forma de dizer que caracteriza um dos trabalhos mais sacrificantes da vida ribeirinha, o processo produtivo da fabricação de tijolos. Trabalho este que se inicia muito cedo, rumo à floresta onde o barro se encontra. No entanto, antes de ter acesso ao barro de qualidade, é necessário cavar grandes buracos em meio à floresta, de onde é extraída a matéria-prima. “Cada

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

em que a mulher e o homem ribeirinho toma consciência de sua finitude espacial, ou seja, alguns espaços – como a floresta para tirar o barro – ficam limitados ao seu corpo, requer que todos os saberes sejam repassados para um corpo mais jovem que, ao tomar consciência dessa responsabilidade, torna-se homem e/ou mulher ribeirinho/a. Toma consciência de sua condição humana no mundo.

A intersubjetividade corporal ribeirinha exige que entendamos sua(s) geograficidades(s) e, portanto, a complexidade que, muitas vezes, não é visível, mas existe. Essa forma de ser-no-mundo, na medida compartilhada das experiências geográficas ribeirinhas, nos leva a pensar o corpo tanto no seu sentido filosófico (e geográfico) quanto biológico, como ensina Csordas (2013), ou seja, o corpo como organismo que, embora tome posse do tempo para ser, sente dor e deseja descansar, um pouco. Não é mais o mesmo corpo de quando tinha 15 anos de idade. O ribeirinho faz de seu corpo guia para que as futuras gerações permaneçam **aí**, na manutenção da vida ribeirinha, da comunidade. O uso do corpo, para o ribeirinho, é corpo-guia, meio de comunicação e linguagem experienciada geograficamente.

PARA NÃO CONCLUIR: ELEMENTOS PARA OUTROS MODOS DE PENSAR...

O presente artigo é mais uma maneira dentre muito outros que estão por vir sobre a vida ribeirinha, em especial no Marajó.

'bola' de barro pesa em média 50 kg. Em cada batelão, barco onde se transportam o barro, é preenchido com mais ou menos 200 bolas de barro. Calculando, em média, o Seo Bacú e seu irmão, Piranha, carregam 10.000 kg de barro por dia, de segunda a sexta. Mas eles se revertem para reduzir as dores nas costas, portanto, cada um carrega por dia 5.000 kg de barro – 'Aja costa!', dizia o Seo Bacú. Ainda assim, é deste trabalho suado, quase que sacrificante, que o direito de sonhar é permitido, o sonho de ver as filhas formadas ecoa n'alma desses sujeitos e se torna a potência necessária para acordar todos os dias antes do sol. Uma atitude de fé" (SILVA, 2020, p. 120).

Distante da concepção positivista e marxista procura-se por meio da fenomenologia trazer ao leitor uma abordagem do subjetivo, da memória, dos sentimentos que liga o ribeirinho ao seu lugar e faz querer melhorias por parte do poder público. A **topofilia** ribeirinha seria o primeiro modo para se pensar a vida à beira do rio, entre a floresta.

A própria escrita exige que sejamos contundentes nesse momento. A realidade ribeirinha, na verdade, exige isso. Nesse sentido, me fiz presente no texto por meio da escrita e, inclusive por meio das emoções, evidentemente. À vista disso, cabe a seguinte pergunta: O que significa dizer se "fazer presente" na pesquisa? Por se tratar de uma não verdade absoluta, como sugere o título desse artigo, por isso "**caminhos para pensar a geograficidade ribeirinha**", pretende-se levar, a quem se interesse, uma geografia como lucidez de viver, das alegrias e da subjetividade humana, enfim, uma geografia das experiências, representada pelos modos de ser, viver e perceber o mundo.

A vida ribeirinha nos apresenta essa possibilidade e, filiados a natureza de forma única, demonstram conhecimentos que vão para além da concepção moderna sobre ciência, dentro de seus moldes cartesianos e laboratoriais. Paradoxalmente, não se trata da negação da ciência, mas que esta não se resume a geometrização do espaço como verdade absoluta e categórica. A geograficidade dos habitantes de "Joaquim Antônio" demonstra por meio da percepção fatores positivos e negativos da vida ribeirinha. Viver entre **filias** e **fobias**, como ensina Tuan (2013), é viver geograficamente, isto é, compreender que a alegria de viver convida a consciência de que precisamos ir para além do bem e do mal.

Trata-se de compreender, por meio da fenomenologia da percepção, que ser ribeirinho é uma questão ontológica, determinada

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

pelos modos como esses habitantes constituem sua existência mediante a intersubjetiva corpórea com os mais experientes e com a natureza. Essa forma relação experiencial é marca da paisagem ribeirinha, caracterizando um sentido único de mundo. A relação experiência e o conhecimento geográfico que emana desde a infância do jovem ribeirinho e convida a quem queira saber um pouco mais de geografia à adentra a floresta e a pescar no rio.

A comunidade “Joaquim Antônio” e seus filhos e filhas revelam caminhos para reaprender a ver as comunidades ribeirinhas, tradicionais, o Marajó e a própria Amazônia, sob a perspectiva da sensibilidade, de que aqui tem pessoas habitante há séculos, portanto, com a forte e profunda presença de saberes, crenças, literatura, poesia, sabores e cheiros que só tem nesse canto dos trópicos úmidos da Terra. Esse texto se faz essencial na medida em que, atualmente, essas dimensões estão sendo demasiadamente atacadas por diversos setores da economia e política brasileira, dimensões essas que desdenham das geograficidades aqui presentes. ☺

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: **BÍBLIA**. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Trad. José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- BARBOSA, M. J. de S. **Relatório analítico do território do Marajó**. Belém: MDA/PITCPES-UFPA/GPTDA, 2012.
- CSORDAS, T. Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença. **Educação**, v. 36, n. 3, p. 292-305, 2013.
- CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator**, v. 1, n. 1, 2011.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DAL GALLO, P. M. A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em “*Out of Africa*”. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas** – um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG/Coleção Eduardo Galvão, 1993.
- FIGUEIREDO FILHO, J. B. **Paisagem, lugar e percepção: um estudo das relações do homem e os manguezais no município de Quatipuru** – Pará. Humanas, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- FERREIRA, E. G. Dos Muãnas à Muaná. In: SCHAAN, D. P.; PACHECO, A. S.; BELTRÃO, J. F. **Remando entre rios e florestas**. Rio Branco: KNORONHA, 2011.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. **Segunda Reunião de Darmstadt, Pfullingen**. In: Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954.
- HÖLDERLIN, F. **Reflexões**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante; Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- LIMA, J. M. de. **Ave, Marajó!** Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2014.
- LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4 Ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...

Felipe Kevin Ramos da Silva

LOUREIRO, J. de J. P. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. **Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, v. 3, n. 3, p. 8, 2016.

MARTINSCOSTA, V. E. S.; MEDEIROS, M. O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, E. Ideias para uma concepção geográfica da vida. In: MOREIRA, E. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: CEJUP, 1989.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NUNES, Benedito. Heidegger e a poesia. **Natureza humana**, v. 2, n. 1, p. 103-127, 2000.

PEREIRA, E. A. D. **As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina paraense**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: Organização das Nações Unidas, 2000.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Escala, 2015.

SARRAF-PACHECO, A. **En el Corazón de la Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras**. Tese (Doutorado em História Social) PUC-SP, 2009.

SILVA, F. K. R. **Memória, Percepção e Experiência: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)**. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, F. K. R.; PIRES, R. D. F. Modo De Vida E Dinâmica Socioambiental No Contexto Amazônico: A Questão Dos Recursos Hídricos Em Uma Comunidade Ribeirinha Em Muaná, Marajó-Pa. **Anais... IV Simpósio de Estudos e Pesquisas em Ciências Ambientais na Amazônia**. Belém, p. 28-38, 2015.

SILVEIRA, F. L. A. da; BASSALO, T. de F. R. **Corpos em equilíbrio: imagens e cotidiano ribeirinho no porto do Açaí e na ilha do Maracujá, Belém (PA)**. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 19, p. 1049-1074, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

Submetido em julho de 2021.
Revisado em fevereiro de 2022
Aceito em abril de 2022.

À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na...
Felipe Kevin Ramos da Silva